

**A rua como espaço de comunicação comunitária:
Paisagens sonoras da cidade olímpica e ecos de resistência da Maré¹**

Andrea Meyer Landulpho MEDRADO²
Renata da Silva SOUZA³

**Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ**

Resumo

O ponto de partida deste trabalho é explorar as transformações culturais e sociais que o Rio de Janeiro tem passado no período que antecede as Olimpíadas de 2016 através de uma análise de suas paisagens sonoras. Pretendemos analisar as maneiras em que as vozes dissidentes se fazem ouvir, ecoam e destoam nessas paisagens sonoras através da comunicação cidadã e comunitária. Para abordar tais questões, adotamos uma abordagem auto-etnográfica e sensorial. Neste texto, em especial, nossos sentidos estão voltados para a Favela da Maré. Aqui, sugerimos que a rua representa um espaço valioso de comunicação comunitária. As vozes se fazem ouvir através de manifestações como a do “Se Benze Que Dá, bloco de carnaval que utiliza seus instrumentos para garantir o direito de ir e vir e oferecer uma resistência sonora à opressão imposta pela ocupação que antecede os jogos.

Palavras-chave

Comunicação comunitária; paisagens sonoras; etnografia; olimpíadas; favela da Maré.

1. Ecos das transformações sociais, culturais e urbanas da cidade olímpica

Vitor Lira tem 32 anos e trabalhou alguns anos como guia turístico no Santa Marta. Foi no Pico do Santa Marta, onde ele mora com a família, que nos encontramos em julho de 2013 para conversar sobre a ameaça de remoção que assombrava os moradores desta parte da favela. No alto do morro, na parede externa de uma casa, ao lado de bandeirinhas do Brasil desgastadas, havia faixas com os textos “expulsão branca” e “favela modelo de que?”. Em 2013 vivíamos um período marcado pelos preparativos para os mega-eventos: o Brasil ganhava destaque na mídia internacional por ser o país sede da Copa do Mundo e das Olimpíadas. Já a cidade do Rio de Janeiro vinha sendo promovida com atributos já

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania, XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora adjunta do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense - UFF. Pós-Doutora em Estudos de Mídia pela Royal Holloway University of London. Doutora em Estudos de Mídia pela University of Westminster, Londres. Integrante do grupo de pesquisa EMERGE – Centro de Pesquisas e Produção em Comunicação e Emergência.
Emails: andreamedrado@id.uff.br;ammedrado@hotmail.com.

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Mestre em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Lecc-UFRJ

amplamente difundidos, como o de paraíso exótico para os olhares estrangeiros, porém com a diferença de estar mais segura, pelo menos para as classes sociais altas, graças ao programa de “pacificação” de favelas implantado pelo governo. No entanto, quando pedimos a Vítor que fizesse uma descrição da cidade, estas foram suas palavras:

“Posso dizer que é uma cidade maravilhosa, mas que, para mim, de maravilha não tem nada. É uma cidade que está sendo vendida, privatizada, sendo entregue na mão de tubarões. O que a gente vê é um processo de expulsão dos pobres e favelados dos locais que são possíveis para exploração por conta de copa, por conta de Olimpíada e um projeto de cidade que é realmente excludente, totalmente segregado”.
(entrevista realizada em 23/07/2013).

A “expulsão branca” impressa na faixa e no cotidiano do Pico do Santa Marta representa um lembrete silencioso das transformações sociais, culturais e urbanas pelas quais o Rio de Janeiro e outras cidades brasileiras estão passando nos últimos anos. Já vozes como a de Vítor destoam do discurso dominante e muitas vezes não encontram a reverberação necessária na grande mídia. São muitas e significativas estas transformações que nem sempre trazem impactos positivos para a vida das pessoas que moram em bairros pobres, favelas e periferias. Portanto, esta pesquisa vem acompanhando e investigando estes processos a partir de uma combinação de perspectivas provenientes dos estudos de cultura auditiva e estudos de mídia cidadã e comunitária.

O ponto de partida é explorar as maneiras em que estas transformações e intervenções ecoam nos “ambientes sonoros” (SCHAFER, 1994) em diversas partes da cidade. Para citar apenas um exemplo entre muitos, este processo de expulsão branca se faz ouvir no momento em que bailes funks são silenciados em favelas como a Santa Marta para dar vez às festas de música eletrônica organizadas por promotores de eventos que desejam atrair um público “elitizado”. Este silenciamento de alguns sons em detrimento do aumento do volume de outros é indicativo de uma política contraditória onde atores dos setores público e privado alegam estar valorizando a arte e o comércio das favelas, enquanto promovem eventos com preços proibitivos para seus moradores, contribuindo para excluir culturas oriundas das favelas em seu próprio berço (CARPES, 2013). Outro exemplo é a necessidade de solicitar autorização aos comandantes das UPPs para que moradores possam realizar festas e eventos em favelas “pacificadas”. É interessante notar que o argumento utilizado para justificar muitas destas intervenções é o de minimizar a poluição sonora. Foi assim também com o muro instalado na Linha Vermelha em 2010. Segundo a prefeitura, em notícias publicadas na época, o objetivo era amenizar o barulho do trânsito para quem

vive no Complexo da Maré, às margens da via expressa. “Mas desde quando a prefeitura se preocupa em proteger os ouvidos de gente pobre?”, questionaram alguns moradores. Na verdade, a grande maioria deles - 73% - acreditava que o propósito talvez fosse menos nobre: esconder a favela dos olhos dos visitantes em tempos de preparação da cidade para os mega-eventos (REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÉ, 2011).

Assim, um dos objetivos aqui é escutar estas transformações atentamente, a partir de uma abordagem guiada pela “etnografia sensorial” (PINK, 2009). Além disso, é importante analisar as maneiras como os moradores de favelas e periferias se fazem ouvir durante o período de preparativos para mega-eventos através da sua produção e utilização de mídias cidadãs e comunitárias. O intuito é contribuir para propagar as vozes de resistência e dissonância, reconhecendo a importância das culturas oral e auditiva para os estudos de mídias cidadãs e comunitárias no contexto Latino Americano. Também desejamos argumentar que as mídias comunitárias e cidadãs podem ser melhor compreendidas se situadas e inseridas em seus ambientes e ritmos sonoros cotidianos. Desta forma, almejamos contribuir para o conhecimento gerado por pensadores latino-americanos (REYES MATTA, 1977; FESTA 1986; PERUZZO, 2004), norte-americanos (DOWNING, 2001) e europeus (JANKOWSKI E PREHN, 2002; LEWIS, 2006) da área de comunicação popular, alternativa e comunitária. Apresentar uma definição detalhada destas iniciativas de comunicação não representa o foco deste trabalho. Porém, vale ressaltar que o elemento em comum é o fato delas tratarem de formas de expressão de segmentos excluídos da população e de processos de mobilização que visam atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e participação política.

Nossa pesquisa passou por uma fase exploratória, iniciada em 2013 com a realização de passeios sonoros em algumas áreas da cidade como Copacabana, Aterro do Flamengo, mercado do Saara, Lapa, Providência, Santa Marta e Maré. Também foram realizadas entrevistas em profundidade com ativistas do Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas, vendedores ambulantes, moradores de áreas ameaçadas de remoção, como o Horto, o pico do Santa Marta e a Vila Autódromo e ativistas de mídias cidadãs e comunitárias, como o jornal O Cidadão na Maré. O objetivo é realizar mais pesquisas de campo nestas e em outras áreas do Rio de Janeiro durante os anos de 2015 e 2016, até a realização das Olimpíadas em 2016.

Alguns dos objetivos mais específicos com enfoque nas *vozes e paisagens sonoras* são:

- Investigar como estas mudanças reverberam nas paisagens sonoras em áreas distintas da cidade afetadas pelos processos de transformação para os mega-eventos. Quais seriam, por exemplo, os sons representativos de processos de exclusão e gentrificação?
- Identificar como essas transformações e contestações sonoras são interpretadas pelos moradores.
- Entender como as vozes dissidentes se fazem ouvir, ecoam e destoam nessas paisagens sonoras através da participação na sociedade civil e em meios de comunicação cidadãos e comunitários.

2. Legados Olímpicos e a importância de escutar vozes silenciadas

Em disciplinas diversas como urbanismo, sociologia e economia, há uma farta literatura voltada à análise dos legados que os Jogos Olímpicos podem deixar para as cidades que os acolhem. Este conceito de legado vai além dos legados mais óbvios, como o legado financeiro, incluindo avanços na infra-estrutura das cidades, assim também como melhorias de caráter mais intangível como, por exemplo, um possível aumento do sentimento de orgulho pela população. Gavin Poynter (2009) identifica alguns modelos (não mutuamente excludentes) adotados por cidades olímpicas, denominando-os de:

a) comercial, b) dinâmico e c) catalítico. O primeiro modelo tem como foco uma abordagem de negócios que tende a dar maior destaque para a publicidade ou *rebranding* da cidade. Os exemplos mais conhecidos deste modelo são Los Angeles e Atlanta. Já o modelo dinâmico geralmente tem uma preocupação com a formação da opinião pública, apresentando uma cidade aberta para o comércio e investimento internacional. Seul e Pequim são citados como exemplo deste modelo. Finalmente, o modelo catalítico tem como objetivo contribuir para que a cidade renove ou regenere áreas carentes e desvalorizadas. De acordo com Poynter, Barcelona, Sydney, Atenas e, mais recentemente, Londres, se encaixam neste perfil (POYNTER, 2009, p. 23).

Consequentemente, nossa pesquisa busca tentar identificar os possíveis legados das Olimpíadas no Rio de Janeiro dentro deste contexto, levando em consideração um forte sentimento de ceticismo detectado entre as comunidades mais vulneráveis no Rio de Janeiro durante a fase de pesquisa exploratória. É de fundamental importância que as vozes dos

moradores das áreas mais desfavorecidas sejam ouvidas durante o período de preparação para os mega-eventos, evitando que intervenções arbitrárias sejam impostas às pessoas em suas vidas cotidianas. Portanto, um dos nossos objetivos é justamente documentar estes processos a partir das perspectivas dos estudos de mídias cidadãs e comunitárias e cultura auditiva, analisando até que ponto seria possível uma realização de Jogos Olímpicos mais socialmente inclusivos.

Aqui faz-se necessário um importante questionamento: por que este enfoque nos sons e no sentido da audição? Para abordar esta questão, incorporamos alguns conceitos e argumentos que fornecem embasamento para a abordagem escolhida. O compositor e educador canadense Raymond Murray Schafer (1994), criador do termo “paisagem sonora” (*soundscape*), nos alerta que, ao ingressar numa era de estímulos predominantemente visuais, a humanidade começou a perder a habilidade de ouvir e, particularmente, escutar, referindo-se principalmente aos sons do mundo natural. Schafer critica veemente o que percebe como um processo crescente de hierarquia dos sentidos, em que a visão vem em primeiro lugar e a audição é considerada um sentido inferior. Já outros autores como Erlmann chamam a atenção para a necessidade de estarmos sempre atentos às paisagens sonoras que nos cercam. Segundo ele, “é possível obter um conhecimento aprofundado sobre uma determinada cultura se conseguirmos levar em conta a forma como as pessoas que se relacionam entre si e com o meio ambiente que as cerca através do uso de sons e do sentido da audição” (ERLMANN, 2004, p. 3). No entanto, há um ponto que nos interessa especialmente aqui devido ao nosso interesse em questões como a democratização das comunicações e responsabilidade social dos meios de comunicação: escutar é fundamentalmente um ato de atenção. É um ato que demonstra uma vontade de se concentrar, compreender e se aproximar do “outro” (HUSBAND, 2009, p. 441).

No contexto latino-americano, em especial, a auralidade e a cultura oral possuem papel de destaque. É razoável, portanto, concluir que os meios de comunicação cidadãos e comunitários podem ser compreendidos de forma mais completa e aprofundada quando estão situados dentro de uma profusão de sons, considerados como parte de um espectro contínuo de “cultura auditiva” (BULL e BACK, 2003). Aqui, vale lembrar que os sons também assumem a função de demarcadores de espaço, criando verdadeiras arenas acústicas que englobam e excluem participantes. Dessa maneira, os meios de comunicação precisam ser analisados em conjunto com seu entorno, já que o espaço preexistente vai incorporá-los de modo particular nos respectivos lugares de ocorrência e de acordo com

suas condições peculiares de recepção. Nas favelas brasileiras, por exemplo, é comum nos depararmos com sistemas de alto-falantes, que são considerados como uma forma de rádio que emerge das ruas. Eles estão inseridos e, ao mesmo tempo, ajudam a constituir paisagens sonoras. Também podemos citar o exemplo dos jornais comunitários, criados muitas vezes com o intuito de serem lidos em voz alta. Com isto posto e levando em conta um momento de “visibilidade” global do Rio de Janeiro, procuramos escutar as transformações sociais e culturais pelas quais a cidade vem passando nos últimos anos, registrando as vozes que costumam ser ignoradas ou silenciadas.

3. Etnografia Sensorial e auto-etnografia

Entre diferentes disciplinas, muitas vezes, não há consenso sobre o que constitui a forma mais adequada de realizar uma etnografia. As interpretações de caráter mais clássico apontam que a prática etnográfica deva incluir observações participantes, entrevistas etnográficas e uma série de técnicas de pesquisa participativas desenvolvidas e adaptadas às necessidades de projetos de investigação específicos. Deste modo, como afirmam alguns autores, não há mais uma maneira padrão ou universalmente praticada de fazer etnografia, o que leva a uma crescente fragmentação da pesquisa etnográfica (ATKINSON, DELAMONT E HOUSLEY, 2007, p. 33)

Além desta fragmentação, a pesquisa etnográfica tem sido afetada de forma significativa por uma série de restrições. No contexto atual, poucos pesquisadores possuem os recursos, o financiamento ou até mesmo o tempo necessários para realizar imersões de longo prazo no campo. Isso fez com que os etnógrafos buscassem desenvolver métodos inovadores para tornar possível a compreensão de experiências, valores e mundos sociais das pessoas. Tais métodos podem incluir as tradicionais observações e entrevistas participantes, mas também abordagens participativas através do uso de tecnologias digitais de áudio e vídeo e de convites para que os participantes da pesquisa possam refletir sobre alguma atividade cotidiana, realizada em conjunto com o pesquisador, online ou offline. O importante é que estes novos métodos não representem apenas atalhos, ou rotas mais curtas que as oferecidas pelos métodos tradicionais, mantendo-se fieis à filosofia de manter um “contato direto e permanente com agentes humanos, dentro do contexto de suas vidas cotidianas” (O'REILLY 2012, p. 3), filosofia esta intrínseca à etnografia. É esta busca por alternativas emergentes que define a etnografia sensorial. Como afirma Sarah Pink, ela vem acompanhada de uma série de passos conceituais e práticos que permitem ao pesquisador

repensar suas técnicas de participação e colaboração etnográficas em termos de percepção sensorial. Isso requer que o pesquisador adote uma postura auto-consciente e reflexiva de modo a estar atento aos sentidos em todos os processos de pesquisa, ou seja, durante as fases de planejamento, revisão, trabalho de campo, análise e representação de um projeto (PINK, 2009, p. 10). Na fase de pesquisa exploratória deste projeto, iniciada em 2013, foram realizados passeios sonoros por diversas áreas da cidade. Pedimos aos moradores que descrevessem suas rotinas e as maneiras como as mesmas estavam sendo afetadas pelas transformações pré-mega-eventos da cidade através dos sons. Neste momento e até a realização das Olimpíadas em 2016, continuamos fazendo uso destes métodos, aliados a um mapeamento das transformações urbanas, sociais e culturais do Rio de Janeiro (em curso).

Na próxima seção deste trabalho, seremos guiadas pela abordagem auto-etnográfica pela qual optamos. A primeira autora – Andrea Medrado - vem realizando pesquisas em favelas brasileiras em cidades como Salvador e Rio de Janeiro desde 2004. Já a segunda autora – Renata Souza - nasceu e foi criada na Favela da Maré. Após se aprofundar em um estudo sobre jornais comunitários para sua pesquisa de mestrado, atualmente, ela desenvolve uma tese (auto-etnográfica) de doutorado sobre as manifestações cotidianas da comunicação e da cultura nas ruas de Maré. Gostaríamos também de contestar uma possível percepção da auto-etnografia como algo que possua um certo caráter auto-indulgente. Na verdade, acreditamos que a auto-etnografia possui algumas qualidades importantes como a habilidade de atingir uma forma sistemática de introspecção, de despertar formas afetivas de recordação e a capacidade de incluir diversos “eus” na narrativa. Em suma, a auto-etnografia tem o potencial de produzir histórias evocativas. Estas histórias celebram a experiência concreta em detalhes íntimos, encorajando sentimentos como compaixão e empatia e abrangendo múltiplas vozes que contribuem para reposicionar “leitores” e “sujeitos” de pesquisa como co-participantes em um diálogo" (SPARKES, 2002, p. 210).

4. Paisagens sonoras, ecos de resistência na Maré e o “Se Benze Que Dá”

A cultura auditiva como campo interdisciplinar foi inspirada pelas abordagens culturalistas que eram populares nos estudos de mídia britânicos. Este campo começou a surgir na década de 1970, mas somente ganhou força nos anos 1990 e 2000, quando pesquisadores passaram a prestar mais atenção no papel fundamental que a experiência auditiva exerce no uso cotidiano dos meios de comunicação. Muitos trabalhos nesta área

têm sido impulsionados pela necessidade de questionar a já anteriormente mencionada suposta hierarquia dos sentidos. Outra premissa importante é que não é possível que nós possamos compreender plenamente os processos de identidade cultural, processos estes tão importantes para os estudos culturais, sem levar em conta as práticas simbólicas da música, dos sons e dos ruídos.

Tanto no contexto europeu, quanto no contexto norte-americano, o glossário para termos acústicos acaba revelando um certo sentimento de rejeição aos sons urbanos, industriais e de origem humana. Raymond Murray Schafer (1994), por exemplo, revela grande preocupação com o fato das pessoas estarem supostamente perdendo a capacidade de distinguir os sons do mundo natural. Há, portanto, neste corpo teórico, uma tendência em associar “barulhos” ou ruídos urbanos com conotações negativas: eles são considerados poluentes, traduzindo-se em falta de civilização, falta de qualidade e, de forma geral, em mau gosto. No entanto, partindo de uma perspectiva latino-americano, enxergamos a necessidade de questionar algumas destas conotações. Para começar, como aponta Catarina Farias de Oliveira, na América Latina, não se pode dissociar a cultura auditiva a uma cultura inerentemente de rua. Em nosso contexto, tanto o acesso como as relações diárias com os meios de comunicação foram bem diferentes: “a escassez de rádios e, mais tarde, de aparelhos de televisão levaram as pessoas para fora de suas casas” (FARIAS DE OLIVEIRA, 2007, p. 198). Já María Angeles Durán (2008) se volta para uma análise das cidades latino-americanas e argumenta que os ruídos urbanos nem sempre devem ser interpretados como poluentes que precisam ser tratado a fim de não contaminar as dinâmicas dos espaços urbanos. Na verdade, ela acredita que tais ruídos podem assumir o papel de comunicar a diversidade e a riqueza cultural das cidades e das suas comunidades, expressando até mesmo uma alegria de viver.

Estas observações das duas autoras (FARIAS DE OLIVEIRA, 2007 e DURÁN, 2008) mostram-se um pouco mais compatíveis com nossas observações (auto) etnográficas na e da Maré. Nós, as duas autoras, tivemos longas conversas sobre o que significava e quais eram as implicações negativas e positivas de se viver uma “vida barulhenta” na favela, já que as pessoas encontram-se frequentemente cercadas pelos sons dos vizinhos. Nessas ocasiões, Renata frequentemente descrevia com riqueza de detalhes as comemorações de suas festas de aniversário na Maré, que sempre aconteciam, literalmente, na rua. No finais de semana, isso se torna mais perceptível à medida em que as ruas transformam-se ainda mais em uma extensão das casas das pessoas. Piscinas de diferentes cores, tamanhos e

profundidades são montadas em frente às casas, ou seja, no meio da rua para que famílias inteiras possam se refrescar do calor de 40 graus do Rio de Janeiro. Quando não há a piscina, chuveiros instalados na ligação direta com a água da rua dão conta do banho refrescante. O lazer das crianças também fica garantido com os pula pulas espalhados a esmo. As calçadas são tomadas por cadeiras, banquetas e outros suportes que servem para que as pessoas possam sentar-se, bater um papo, beber algumas cervejas ou mesmo fazer suas refeições ao ar livre. Em comemorações familiares mais refinadas, como festas de 15 anos, a rua vira palco para a montagem de mesas e decorações festivas. Caixas de som são erguidas, por vezes formando paredões, com DJ's que comandam a festa com músicas em volume elevado que buscam atender a todos os gostos e idades. Nestas ocasiões, geralmente, as ruas são fechadas ao tráfego.

Dessa forma, concluímos que uma indefinição entre a casa e a rua, o privado e o público, constituía uma forte característica da vida cotidiana na Maré. Além disso, observa-se, a partir do cotidiano da Maré, que é na rua que se compartilham os prazeres e os males, os afetos e os desafetos comuns. Assim, a plena harmonia não é uma constante, já que a vida comunitária preserva em sua essência a natureza do conflito. O som alto, sem hora para iniciar ou terminar, e o fechamento das ruas sem aviso prévio são causas de incontáveis desentendimentos entre vizinhos. A lei do silêncio é uma mera formalidade para os padrões de comportamento das pessoas que utilizam o som alto do fim de semana como único meio para a diversão comunitária. George Steiner (1992) nos lembra que a sonoridade é um terreno imediatamente comum, por isso, tão conflituoso.

Assim, a rua se destaca como o espaço mais adequado para trocas reais e simbólicas, permitindo que os moradores compartilhem suas rotinas, discutam questões, comemorem ocasiões especiais ou apenas ordinárias, conheçam melhor uns aos outros. É também a rua que permite que as pessoas aprofundem seus sentimentos de pertencimento a essa comunidade. Aqui, evocamos brevemente uma discussão de Raquel Paiva (2003) sobre o conceito de comunidade. Ao considerar a comunidade como antiético de sociedade, Ferdinand Tönnies foi eleito por Paiva como o principal responsável por formular a conceituação mais acabada do termo. Isto se explica pelo fato de, diferentemente da comunidade onde se prioriza o bem comum, o que prevalece na sociedade são os interesses individualizados. Tönnies avalia que a linguagem é a principal ferramenta para a afeição entre esses indivíduos que se mantêm em solidariedade mútua. No entanto, isso não é sinônimo de um estado de constante e permanente harmonia. Assim, o que o cotidiano na

Maré nos revela é que a rua representa uma forma de ponto de encontro onde as pessoas compartilham os prazeres, mas também os desalentos, bem como o afeto e o desafeto, já que a comunidade também traz o conflito em sua essência.

Em suma, nossa pesquisa indica que os sons das ruas da Maré ecoam um sentimento de vínculo comunitário, embora ele venha acompanhado de grande complexidade. Aliás, é relevante destacar as significativas transformações pelas quais passaram as paisagens sonoras da Maré após sua ocupação pelas forças militares em julho de 2014. Renata chegou a relatar a desagradável sensação de começar o dia com a visão de um soldado armado em frente à sua casa. É também intrigante constatar que estas opressivas imposições sobre a vida cotidiana na Maré estejam se manifestando precisamente através da supressão de sons. As celebrações de aniversário na rua, por exemplo, que são tão características da vida em comunidade, passam a ser submetidas a um processo de aprovação prévia, trazendo constrangimento e causando uma perda de espontaneidade. Ao reduzir o volume e silenciar os sons da vida cotidiana, sons estes inerentes às dinâmicas sociais e culturais da Maré, os militares encontraram uma maneira de marcar sua presença e estabelecer sua autoridade.

A boa notícia é que os moradores da Maré também se mostram muito criativos quando o assunto é encontrar maneiras de resistir à opressão. O jornal comunitário "O Cidadão", por exemplo, tem mostrado um tom crítico à ocupação militar. Entretanto, infelizmente, devido à natureza autoritária da ocupação da Maré, às vezes o tom da crítica precisa ser mais sutil do que os jornalistas comunitários gostariam. Desta forma, é preciso constantemente buscar oportunidades para expressar as críticas, o sentimento de humilhação, o descontentamento com a arbitrariedade. Uma dessas oportunidades veio recentemente com o carnaval de 2015. Renata tinha contado os dias para sair pela 8ª vez como porta estandarte do bloco "Se Benze Que Dá". O esquentar na concentração, como de costume, foi o grito: "Vem pra rua, morador". A animação, em verdade, tinha um misto de alegria e apreensão, já que o itinerário definido, além de passar por uma das ruas da Maré, considerada a "Faixa de Gaza" do Rio de Janeiro, previa a passagem pela trincheira erguida pelas Forças Armadas desde a ocupação militar. Ainda assim, no fim da tarde do dia 21 de fevereiro, os foliões saíram cantarolando e dançando os sambas do "Se Benze". O bloco é formado por moradores da Maré que frequentaram o pré-vestibular comunitário durante os anos 2000. Eles compoem sambas engajados politicamente que reivindicam o direito de ir e vir nas favelas. E em 2015 não foi diferente. Vamos saber mais detalhes através da narrativa auto-etnográfica de Renata:

Ao som dos agogôs, surdos, repiques, tamborins e chocalhos, os moradores cantavam: “Se Benze Que Dá, pra passar/ Com esse samba/ Essa é a galera da Maré, meu amor/ Só tem gente bamba/ Vem, meu irmão/ Vem, Maré mansa/ Vem nessa rede, que é de mutirão/ É a sociedade/ Nossa comunidade/ Todo mundo dando as mãos”. Foi somente à noite que avistamos as primeiras trincheiras embaixo do viaduto da Linha Amarela, via que corta algumas das comunidades da Maré. O som dos tambores chamou a atenção dos soldados que deixaram suas trincheiras escuras com suas armas para se aproximarem quase que em marcha para observar o bloco. Antes do bloco chegar embaixo do viaduto, surgiram dois tanques de guerra do Exército com suas luzes e sirenes ensurdecidas ligadas. Continuamos o caminho, mas os tanques estacionaram de forma intimidadora por alguns segundos, que pareceram uma eternidade, em frente ao bloco, impedindo o acesso em direção ao viaduto. Nesse momento, gritamos em frente aos tanques e em um só tom: “Não, não, não/ Não quero tanque, não” e repetimos, repetimos, repetimos, até a garganta não suportar, quando os tanques zarparam com seus soldados sem nos dizer absolutamente nada. Vencemos os tanques com nossos gritos e os batuques dos nossos instrumentos. Assim, seguimos nosso rumo e paramos embaixo do viaduto. E, com os olhares atentos e nervosos dos inúmeros soldados armados de fuzis em suas trincheiras, eram mais de 100, voltamos a gritar: “Não, não, não/ Não quero tanque, não” por cerca de 10 minutos. Os batuques do bloco ecoaram de maneira indescritível com a acústica do viaduto, o que aumentou, exponencialmente, a sensação de tensão e enfrentamento com a nossa principal arma, o som, o grito, a indignação de estamos submetidos ao regime militar. Enfim, seguimos o nosso caminho e comemoramos a nossa primeira vitória contra o Estado militar com muita cerveja e alegria. O Se Benze costuma acompanhar durante o ano às inúmeras manifestações populares dentro da Maré. Não calarão a nossa voz e o nosso som (diário de observações auto-etnográficas, Renata Souza, 22/02/2015).

5. Considerações finais

Neste trabalho, defendemos a adoção de uma abordagem de pesquisa auto-etnográfica e sensorial. Argumentamos também que a adoção de uma postura de inserção emocional diante das realidades da vida cotidiana na Maré não entra em conflito com os elementos teóricos e racionais que são essenciais ao processo de produção do conhecimento.

Temos consciência de que a pesquisa auto-etnográfica vem acompanhada de sensações de ansiedade e de estranheza por, muitas vezes, contribuir para complicar algumas divisões normalmente bem estabelecidas entre o “eu” e o “outro”, o “conhecimento científico” e o “conhecimento comum”, o “externo” e o “interno”, o “público” e o “privado”, o “indivíduo” e a “sociedade”. Assim, gostaríamos de sugerir neste artigo que ao pesquisar e escrever de forma auto-etnográfica, temos como objetivo a possibilidade de também estarmos expressando outros alguéns, seja de maneira explícita ou implícita.

Além disso, paradoxalmente, nossa pesquisa também revela que, de forma geral, as práticas simbólicas de audição não têm sido consideradas uma prioridade dentro das

investigações de mídia comunitária e cidadã. Aqui, julgamos necessário não somente investigar como os moradores de favelas usam os meios de comunicação comunitários, mas também, e principalmente, as suas circunstâncias de recepção e produção de sons. É fundamental considerar que estas últimas representam expressões legítimas de ativismo comunitário. Mais do que isso, elas constituem uma forma fascinante de comunicação comunitária, mesmo que tais manifestações sonoras não estejam necessariamente ligadas a um meio de comunicação específico, como rádio ou jornal.

Num contexto em que políticas e intervenções autoritárias se impõem de forma tão intensa sobre o cotidiano dos moradores, a comunicação comunitária precisa adquirir um significado mais amplo, mais complexo e, às vezes, até descolado dos meios comunitários. Assim, manifestações de rua como o bloco "Se Benze Que Dá" surgem como expressões valiosas de comunicação comunitária, ainda mais se começarmos a defini-la como algo que engloba os aparatos tecnológicos, institucionais e culturais que são usados nas práticas e nas mediações discursivas que são significativas para a vida em comunidade. Em conclusão, ao buscar estarmos sintonizadas aos sons e às culturas auditivas da cidade, da favela, e da favela como corpo integrado à cidade, esperamos ter contribuído para trazer à tona a necessidade de reconhecer a importância da auralidade para os estudos da comunicação comunitária e cidadã dentro de uma perspectiva tipicamente latino-americana.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, Paul, DELAMONT, Sara e HOUSLEY, William. **Contours of culture: Complex ethnography and the ethnography of complexity**. Lanham, MD: Altamira Press, 2007.

BULL, Michael e BACK, Les, (orgs.) **The Auditory culture reader**. Oxford: Berg. 2003

CARPES, Giuliander. **RJ: Favelas pacificadas espantam bailes funk e atraem playboys**. Terra, Arte e Cultura. 13 de julho de 2013.
Disponível em: <http://diversao.terra.com.br/arte-e-cultura/rj-favelas-pacificadas-espantambailes-funk-e-atraem-playboys,b142c0c33d9df310VgnVCM500009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2015.

DOWNING, John. **Radical media: Rebellious communication and social movements**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001.

DURÁN, María Angeles. **La Ciudad compartida: Conocimiento, afecto y uso.** Santiago: Ediciones Sur, 2008.

ERLMANN, Veit (org). **Hearing cultures: Essays on sound, listening and modernity.** Oxford: Berg. 2004

FARIAS DE OLIVEIRA, Catarina. **Escuta sonora: Recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias.** Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

FESTA, Regina e LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Comunicação popular e alternativa no Brasil.** São Paulo: Paulinas. 1986

HUSBAND, Charles. **Between listening and understanding.** *Continuum: Journal of Media & Cultural Studies* 23 (4), pp. 441-443, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/10304310903026602>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015

JANKOWSKI, Nicholas e PREHN, Ole (orgs.) **Community media in the information age: perspectives and prospects.** Cresskill, NJ: Hampton Press, 2002.

LEWIS, Peter. **From the margins to the cutting edge: Community media and empowerment.** Cresskill, NJ: Hampton Press, 2006.

O'REILLY, Karen. **Ethnographic methods.** Routledge, 2012.

PAIVA, Raquel. **O Espírito comum: Comunidade, mídia e globalismo,** 2 edição, Editora Mauad, 2003.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares: A Participação na Construção da Cidadania.** Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

PINK, Sarah. **Doing Sensory Ethnography.** London: Sage, 2009

POYNTER, Gavin e MacRury, Iain (Orgs). **Olympic Cities: 2012 and the Remaking of London.** Aldershot Ashgate Publishing, 2009.

REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÉ; OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. **Os Muros do Invisível: Uma Pesquisa sobre a Ação/Discurso Governamental e a Percepção dos Moradores das Favelas no Cenário dos Mega Eventos no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro,

fevereiro/março 2011. Disponível em:< http://issuu.com/redesdamare/docs/projeto_redes-nepfe>.
Acesso em: 24 outubro 2014.

REYES MATTA, Fernando. **La Información en el nuevo orden internacional**. Mexico, ILET, 1977.

SCHAFER, Raymond Murray. **The Soundscape: The Tuning of the World**. Rochester: Destiny Books, 1994.

SPARKES, Andrew. C. **Autoethnography: Self-indulgence or something more?** Em: BOCHNER, A. e ELLIS, C. (Orgs) *Ethnographically Speaking: Autoethnography, Literature and Aesthetics*. Lanham MD: Altamira Press, 2002.

STEINER, George. **No Castelo do Barba Azul – algumas notas para a redefinição da cultura**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.